

EDUCAÇÃO E NOVAS PRÁTICAS

Por José Geraldo de Oliveira
Edição Carlos Costa

Catedrático de Jornalismo da Universidad Autònoma de Barcelona (UAB), José Manuel Pérez Tornero é doutor *honoris causa* da Universidade de Aix-Marsella (hoje Université de la Méditerranée). Realiza pesquisas sobre comunicação, educação, televisão cultural e educativa, alfabetização midiática e discurso jornalístico – com atenção especial às conexões entre comunicação, educação, cidadania e políticas públicas. Sua experiência como diretor de programas de televisão e como jornalista o levou a ser consultor da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e da União Europeia em temas de serviço público de televisão e de alfabetização digital e midiática.

Homem simpático e de sorriso farto, durante a conversa se aprofundou nesses temas a que se dedica: educação, sociedade da informação, educomunicação e ensino de jornalismo. Sobre ensino de jornalismo é enfático: “As escolas precisam entender que o jornalismo há tempos se adaptou às formas comunicativas digitais” – e as grades dos cursos devem ser pensadas para a educação massiva, que mudou radicalmente. Mas é preciso “respeitar a tradição das escolas, o sentido da escrita, lembrando que as tecnologias da comunicação são complementares e ajudam a enriquecer a vida escolar”, com os estudantes exercitando a linguagem audiovisual, que – como qualquer outra linguagem – necessita do aprendizado de uma gramática.

Diretor do Departamento de Jornalismo e Ciências da Comunicação e mentor do grupo de pesquisadores do Gabinete de Comunicação e Educação da UAB, recebeu o repórter da *Revista Parágrafo* em seu gabinete para uma conversa sobre suas pesquisas e suas percepções sobre o ensino frente às evoluções da sociedade da informação.

“A grande mudança que acontece na educação é que a aula conta cada vez menos do que o entorno, afirma José Manuel Pérez Tornero. Hoje a TV é um fenômeno midiático que não usa apenas o aparelho, mas a internet. Não é uma mensagem audiovisual de ida, mas de ida e de volta. Esta é a grande virada.”

PARÁGRAFO: *Começamos com a pergunta básica: que é Educomunicação?*

JOSÉ MANUEL PÉREZ TORNERO

É uma relação dupla: a comunicação e a relação que ela mantém com a educação. Por um lado, os meios de comunicação, querendo ou não, educam; de outro, a educação não existe sem um “carisma”, educar é atividade de comunicação. Do ponto de vista dos conceitos, pode-se dizer que tanto os professores midiáticos ou os educadores podem ser analisados a partir de um paradigma comum. Outra ideia mais prática e proativa: para enriquecer a educação é necessário trabalhar a partir do ponto de vista da comunicação, aplicando tecnologias da informação. Para que a comunicação midiática seja efetiva, temos de pensar em suas consequências educativas. Isso é o que define a educomunicação. A consequência é a “educação midiática”, que potencializa a melhoria das competências comunicativas das pessoas e dos grupos, ao mesmo tempo em que se apropria dos meios de comunicação na busca da autonomia individual e coletiva – e da participação democrática.

Qual o termo correto, “alfabetização midiática” ou “alfabetização digital”?

Há a comunicação que não é digital, como a comunicação oral ou gestual, que pode ou não acontecer no ambiente digital. Mas, por outro lado, toda a comunicação midiática tradicional, como a impressa, está sendo transformada pelo digital. Se adotarmos o termo “alfabetização midiática”, temos uma expressão mais ampla, pois todos os processos de comunicação pessoal são mediados hoje por tecnologias. A Unesco propõe unir informação, mídia e educação para incluir os professores no ambiente midiático. Mas são visões sobre um mesmo fenômeno: a comunicação humana e o uso de tecnologias.

Em “Nuevo paradigma de la comunicación en la educación. Cómo transformar los valores en la innovación”, o senhor afirma que há uma mudança no “paradigma educativo” que impõe uma abordagem “a partir de uma perspectiva holística”, ou seja, que todos os atores participem da educação. Discorra sobre isso.

É preciso situar este paradigma no passar do tempo. A escola, como instituição, é uma destilação ocorrida ao longo de muitos séculos – vem lá dos sumérios, passa pelos gregos, por Roma, pela Escolástica medieval, até chegar

ao século XIX. É um processo de “institucionalização” do ponto de vista regulatório (ética e deveres da escola) e ao mesmo tempo de “especialização”, do ponto de vista social. Isso significa que, ao longo do tempo, buscou-se marcar limites, fronteiras, espaços próprios da educação, que hoje conhecemos como escolas, universidades. Foi um processo sadio, do ponto de vista da especialização e da eficiência, mas se tornou insano hoje quando isola o professor de outros contextos educacionais, como afastar o aprendizado das ruas, das relações familiares. Isso leva ao risco de que os professores distanciem do processo de aprendizagem aquilo que ocorre na vida cotidiana. Temos de resgatar uma visão integradora: vivemos em sociedade e se a aprendizagem não for inserida nela não seremos nada. Reconhecer que o aprendizado hoje leva a uma ecologia plural, variada e que ele não acontece apenas no espaço da escola. Ele acontece na comunicação, na mídia, na família, nas ruas. Essa mudança de paradigma pressupõe que as escolas assumam como princípio fundamental a possibilidade de aprender em qualquer lugar e a qualquer momento. O trabalho da escola é o de organizar, ser o elemento catalisador para acelerar o processo de criação de saberes que acontece na vida cotidiana. Ter isso como diretriz cria uma osmose entre a escola e seu

1 [https://jmtornero.files.wordpress.com/2015/06/1-el-nuevo-paradigma-de-la-comunicacion-3b3n-en-la-educacion-3b3nc2a0.pdf]



“

Hoje a TV é um fenômeno transmidiático que não usa apenas o aparelho de recepção, mas a internet, afirma José Manuel Pérez Tornero. Não é uma mensagem audiovisual de ida, mas de ida e de volta. Esta é a grande virada na produção televisiva.”

entorno social. Significa mudar os métodos educacionais, potencializando as experiências vividas em outras situações de aprendizagem. Uma consequência desse paradigma seria acabar com a “arrogância acadêmica e científica”, tão presente nas escolas e nas universidades. Arrogância que afirma que “o que não está formalizado em termos de currículos ou em termos de ciência convencional” não é conhecimento. Isso é um despropósito e precisa mudar. É isso a que me refiro quando falo em mudança do paradigma educativo.

Neste sentido, a web cria um novo ambiente de saber, mas ao mesmo tempo afasta o estudante da rua.

Isso é um paradoxo e uma contradição fundamental do sistema atual. Quando estávamos na praça pública ou assistíamos à televisão em família, era um coletivo prestando atenção apenas a uma mensagem, mas com um sentido coletivo. As pessoas conversavam e interagiam...

Inclusive brigavam [risos].

Brigavam, se tocavam, lutavam e saíam para a rua para comemorar ou protestar. Em certo sentido “esta” internet e a comunicação em rede está criando uma sociedade de isolamento e individualismo. Cria uma bolha individual que nos isola, embora haja a promessa da comunicação virtual. Há perdas e ganhos. Há perdas no sentido de território, do contato com a natureza e da necessidade de se relacionar com o meio ambiente, com a cultura, além da falta de convi-

vência com a diversidade cultural. Há ganhos, claro: um mundo mais global e transparente, mais rápido nas inovações, mais liberal. Mas não há uma rota de saída clara para os problemas que surgem. Há muito o que pensar.

Há tempos, assistir à televisão era um momento em que a família se reunia para acompanhar o telejornal, e depois se seguia uma discussão. Hoje, cada um assiste às mesmas informações, mas em diferentes dispositivos. A televisão já não aglutina as famílias.

Esse tema que você traz é importante. O sociólogo americano Robert David Putman trata dele em *Bowling Alone: the collapse and revival of American community* (2000). Nos Estados Unidos, registrou-se nos últimos anos a queda ou desaparecimento de grupos, clubes e pessoas que se reuniam para realizar atividades coletivas. Aconteceu primeiro com a chegada da televisão, depois com a internet. Putman reflete que hoje há menos atividade social coletiva presencial. É um problema importante que se impõe e com um viés filosófico e social. Filosoficamente, há uma espécie de desmaterialização, descorporificação das relações humanas – e isso é uma perda. Do ponto de vista social, surgem novos agrupamentos, que não são sociedades e nem comunidades. São grupos virtuais, um fenômeno estranho e híbrido. Ao mesmo tempo, ocorre o fenômeno do “esvaziamento da interioridade” e da “esfera privada”. As nossas “identidades” estão “soltas” por aí. Portanto, não seria loucura imaginar que num futuro

próximo existirá um robô que, de posse de todas as informações de nossa identidade, obtidas nos *big data*, poderá criar um holograma ou um avatar que se comportará como nós mesmos [risos], simulando perfeitamente um personagem virtual que atue como nós.

O que seria o pensamento crítico dos estudos dos meios?

Pensamento crítico significa que é possível pensar de outra maneira, não aceitando uma narrativa oficial. Seria dar um salto atrás e distanciar-se do texto e saber que todo discurso é uma construção de uma pessoa e que posso ler de modo diferente. Se acredito que uma narrativa é uma construção fiel e válida, posso aceitá-la tal como me foi dada ou realizar uma segunda leitura, mais interpretativa. E por meio dela entender o texto como uma simulação que responde a uma intencionalidade, e como tal é uma representação. Temos de buscar essa leitura crítica. Só desenvolvendo a capacidade de ler com esse distanciamento poderemos pensar criticamente. Defendo uma análise dos problemas que se apresentam e uma reflexão de quais seriam as soluções para eles. O que não é o habitual. O comum é uma cultura reprodutora de esquemas e modelos que funcionam por inércia – não questionamos se são úteis ou não em um momento determinado. Quando ocorre no mundo atual mudanças tão aceleradas na realidade, algumas pautas ficam parecidas com um balé estranho, com movimentos que não têm sentido. E isso está se passando em diversos campos. Por isso preci-

samos aplicar mais o pensamento crítico em várias instâncias, mais especificamente as da educação e a dos meios de comunicação.

Como aplicar o pensamento crítico com a televisão, meios de comunicação e a inclusão digital?

A tecnologia é uma inteligência externa à nossa. E às vezes ocorre uma rejeição a equipamentos técnicos, pois são muitos, em contínua reposição ou novas versões com mais recursos. A indústria cria um artefato e nos impõe que precisamos consumi-lo. Baixa a nossa autoestima nos chamando, por exemplo, de “inúteis digitais”. Nos impõe artefatos que nem sempre são funcionais para a vida cotidiana. Com a comunicação deveríamos levar em conta dois princípios. Primeiro, que não podemos depender da tecnologia para nos comunicar. A tecnologia em si mesma é uma mediadora. Segundo, não temos de adotar qualquer tecnologia, temos de ser críticos com ela pois é maleável e é um constructo humano. Algo produzido historicamente, não que vem de fora. Os comunicadores têm de ser críticos com a tecnologia que utilizam. Marshall McLuhan já disse que os meios têm muita força em si mesmos. Portanto, se não discutimos os meios, e o usamos tal qual chegam até nós, podem acontecer comportamentos não previstos. Independentemente da tecnologia, há questões importantes a serem discutidas no jornalismo. E sem dúvida prioritárias.

Como, por exemplo?

Sem dúvida, uma volta às origens e repensar qual o serviço social que o jornalismo deve realizar e qual o papel social do comunicador. Essas questões são a base de uma referência crítica. Que serviço público cumpre o jornalismo? Qual sua veracidade? Que credibilidade garante a seu público? Que respeito tem para com sua audiência? Que outros princípios se impõem e que devem prevalecer sobre ou ao lado dos interesses comerciais, da publicidade, do mercantilismo, da banalidade? Ter isso presente é a importante questão **ética** e social.

A sociedade da informação, sobretudo no campo da educação, representa um poço de incertezas. Mas há um discurso mais proativo, propondo que a audiência aprenda a escolher e participar mais ativamente, não apenas no consumo, mas sobretudo na produção da mídia.

São duas questões. O conceito de sociedade da informação, concordo, é uma espécie de vazio, de caixa negra. Vivemos em uma sociedade que não sabemos bem como funciona. Sobretudo não sabemos que consequências nos afetará no futuro. Se organizarmos um pouco nosso pensamento, estou certo de que iremos avançar. Se olharmos uma pessoa e para sua dimensão cognitiva, que é o que nos interessa, de como ela percebe a realidade, como se comunica com os demais... Primeiro impõe-se refletir sobre a capacidade perceptiva e analítica de organização conceitual da realidade. O segundo ponto é deter-se sobre a capacidade expressiva e comunicativa.

Depois viriam as estruturas culturais. Com três níveis: a) assumir o mundo; b) comunicar-se com o mundo; e, finalmente, c) compartilhar os códigos e as linguagens. A sociedade da informação aplica outra formação em todos os níveis, mas num sentido mais específico em termos políticos, ao tentar impor uma outra formação utilizando certos discursos.

Que discursos são esses?

Pois é, ordená-los de modo clássico é positivo. O que chamamos do sentido comum das pessoas é o que não se discute, ou seja, o que elas aceitam na vida cotidiana. Esse senso comum permeia as novas ideologias, está nas propagandas. São quatro discursos de diferentes tipos de persuasão. O sentido comum é algo que se adota de forma natural ou pragmática. A ideologia, num segundo estágio, não é uma evidência pragmática, é um constructo coletivo, intelectual. Por exemplo, a ideia de que quanto mais opções e meios existirem, mais se amplia nossa liberdade. Isso não é uma evidência empírica, mas um constructo ideológico. Portanto, devemos considerar que muitas dos valores e processos que a sociedade da informação potencializa respondem a ideologias. Em seguida, num terceiro nível, estão as propagandas em sentido amplo. Quem está por trás das propagandas, hoje? A grande indústria da publicidade, das relações públicas, dos pontos de vendas. Também quem produz essas narrativas são as instituições com interesses específicos, como o Fundo Monetário



é preciso adaptar a nova esfera pública que convive com os antigos difusores e os novos participantes que são cidadãos.”



Internacional (FMI), a Comissão Europeia ou a Unesco. Eles fazem propaganda em sentido ativo, para promover suas ideias, seus projetos. Há ainda um quarto discurso, mais amplo e também sujeito a contradições, que é o do conhecimento científico.

Recapitulando?

No fundo são, o sentido comum; as ideologias; as propagandas; e o conhecimento científico. Tudo isto é como um plano para confeccionar um mapa. Quem joga como ator, agindo nesta transformação da sociedade da informação? Em que setores jogam esses atores e com que interesses? Se soubermos isso teremos condições de criar uma rota de fuga, e começar a entender o que combina, o que favorece os indivíduos. Se aceitarmos a ideologia, acreditando em seu discurso, pensaremos que toda a sociedade da informação nos cai do céu e que dela nada podemos

fazer. Assim estaríamos completamente, como dizia Étienne de La Boétie, filósofo contemporâneo de Michel de Montaigne, na “questão da servidão voluntária”. Esta servidão mata o espírito crítico, a autonomia e acaba aniquilando a humanidade.

Que pesquisas o senhor realiza sobre educomunicação?

Durante este período de 2015 e 2016 trabalho em três pesquisas, duas de âmbito europeu e outra no âmbito espanhol. No âmbito europeu, estou terminando um estudo sobre como as escolas, em todos os países da comunidade europeia, utilizam o cinema e o audiovisual em geral, tanto como ferramenta educativa ou como objeto de estudo. Isso é importante para definir o patrimônio cultural que o cinema representa e se ele tem consequências nas escolas ou não. A hipótese é que se a produção cinematográfica entrasse nas escolas

provocaria uma melhoria na qualidade do ensino. E se a educação entrasse na visão dos cineastas, o cinema melhoraria. Há um diretor francês, Bertrand Tavernier, que produz filmes muito interessantes com temas como o da Revolução Francesa, por exemplo. Este diretor tem uma filosofia de aprender com o cinema e ao mesmo tempo mostrar os problemas educativos. A hipótese é muito mais ampla, o cinema é um patrimônio cultural que não se deve perder como recurso na educação. Introduzido nas escolas, transforma a mentalidades dos jovens. E essa demanda leva à produção de um cinema de qualidade e mais humano, não industrial ou comercial. Esta pesquisa, já terminada, levará ao desenvolvimento de aplicações, como a criação de um mapa exploratório. Estamos lançando uma série de debates, a partir da projeção de filmes, com crianças em escolas de diferentes países da Europa. Outra pesquisa, também

concluída, mostra a relação de todos os currículos europeus e a educomunicação. Como se lança, a partir do Ministério da Educação, a obrigação de estudar determinados temas e que possibilidades há de introduzir o que acreditamos ser a educação midiática. Isto afetará no médio prazo, modificando os currículos desses países.

E a pesquisa espanhola?

Tratamos de valorizar as competências midiáticas de professores, estudantes, trabalhadores e cidadãos. Estamos no processo de criar uma ferramenta informática que deverá estar pronta antes de dezembro, e que permitirá realizar o diagnóstico de uma população ou de um grupo para a implementação de meios de informação. Estamos iniciando ainda uma pesquisa de educação fundamental. Fechamos um acordo em 2016 com a televisão espanhola para redesenhar a transformação dos serviços de informação audiovisual. Temos ainda um observatório com televisões alemã, francesa, italiana e espanhola no sentido de aplicar essas mudanças nos informativos audiovisuais no novo contexto da sociedade da informação. Já não se trata da televisão em família, mas de uma televisão focada em cada indivíduo. Esse observatório será referência para as tendências que consideramos oportunas no desenvolvimento de pesquisas específicas. Até 2017 iremos trabalhar outras duas pesquisas. A de um laboratório experimental num centro da TV espanhola na região da Estremadura. Experimental, pois transformaremos a relação jornalística, convertendo-a em um fluxo

multimídia de sinais de informação. Útil não apenas para o típico consumidor de televisão, mas também para professores, estudantes, industriais, políticos. Multiplicaremos o fluxo de informação que se produz, direcionando para diferentes funções. É um projeto sobre como transformar as rotinas de produção audiovisuais nas televisões públicas para novos contextos, de pensar as novas interfaces. Se a Comissão Europeia patrocinar, começaremos em seis meses, com duração de quatro anos. A ideia é fazer neste projeto a convergência do que temos aprendido nos contextos de uso do material audiovisual. Também estou trabalhando em um livro que trata de explicar o que acontece no dia seguinte [risos]. Houve uma revolução mediática enorme, então é o momento de pensar nas consequências. O que passará? O que virá? Escrevi um texto sobre o professor Umberto Eco que de algum modo situa tudo isso, agora que tudo aconteceu e o que ganhamos.²

O senhor dirigiu o departamento de TV Educativa da RTVE (Rádio e Televisão Espanhola), criando a série “A Aventura do saber”. Liderou projetos audiovisuais para diferentes emissoras de TV. Que serviço público o audiovisual pode realizar para potencializar a cultura e a educação?

Trabalhei em uma emissora educativa há muito tempo. Comecei a pensar o que aconteceu desde então. A televisão já não é o que foi. Antes era um canal, um vetor

² Confira o texto em [https://jmtornero.wordpress.com/2016/03/20/el-legado-intelectual-de-umberto-eco/

e uma sequência de programação. Hoje ela é um fenômeno transmidiático que não utiliza apenas a televisão, mas também a internet. Não é só uma mensagem audiovisual de ida, mas sim de ida e de volta. Esta é a grande virada na produção televisiva. Já a grande mudança que acontece na educação é que a aula conta cada vez menos do que o entorno. No caso da cultura acontece o fenômeno tremendo da “deslocalização”, com todas as consequências que isto pode trazer. Quer dizer, a cultura está saltando os territórios, produzindo uma “globalização cultural”. Neste contexto, minha pergunta é: o que se pode fazer com os mesmos valores, que inspiravam a minha pesquisa prévia: como é possível enriquecer a inteligência coletiva por meio da televisão? Temos a obrigação de repensar esta multiplicidade da televisão e pensar no celular, no tablet, no celular, na internet, no Periscope do Twitter, do Facebook Live e do YouTube, porque é neles que hoje circula o audiovisual.

Essas são colocações importantes.

Sim, são indagações e colocações importantes, mas há uma outra, que é falar mais em “sociedade de aprendizagem” do que de sociedade globalizada. E coloco ainda um último tema: pensar que passamos por um processo de transformação da nossa identidade cultural. Estamos em uma diversificação proativa. A Unesco lançou um manifesto em defesa da diversidade cultural que é protecionista, no sentido de que “respeitemos por favor as diversidades que existem”.

Acho que deveria lançar um manifesto proativo: “Vamos construir diversidade cultural”, ou seja, não só respeitando de um modo protecionista as diversidades já existentes, mas as que viremos ganhar e criar no futuro. Mas pensando bem, tudo isso é uma visão parcial, uma vez que toda a cultura se produz e também se transforma. Está é a minha preocupação atual: a relação entre a televisão e a cultura. E o serviço público desempenha um papel fundamental e tem ainda muito a fazer. Estamos sempre diante de novos desafios como o da transparência institucional. Podemos dizer que esse é um desafio do direito e é da política, mas é também uma responsabilidade da televisão. Agora, nesses dias, vocês estão vivendo no Brasil um demorado processo de impeachment da presidente, e esse é um momento histórico. Está com todos os seus passos e etapas registrados. Independentemente do que aconteça neste processo [esta entrevista foi realizada no mês de junho de 2016], é preciso permitir que um cidadão no futuro venha a saber o que aconteceu, que tenha acesso a tudo o que foi gravado, que possa distanciar do fluxo midiático e do calor temporário que se está vivendo neste atual momento e possa valorar para tomar consciência do que se passou e aconteceu. Sem tomar partido prévio. Seguramente será possível ver o que está acontecendo nos dias atuais, mas com novas ferramentas. Facilitar o acesso a esse acervo do ponto de vista televisivo, documental e informático é uma obrigação se quisermos gerar uma nova consciência para o século

XXI.

Uma outra pesquisa conduzida pelo senhor é “como os novos meios reformulam o conceito de cidadania e como isso exige novas formas de participação democrática”. Pode falar sobre isto?

O conceito de cidadania vem lá da sociedade feudal – quando havia os cidadãos e os servos. Servos estavam ligados à ideia do território e a um senhor. Então os camponeses tinham uma dupla responsabilidade: não poderiam abandonar o seu território e ao mesmo tempo teriam que dar uma parte de sua produção ao senhor feudal. As cidades foram se configurando como um espaço independente dessa regra de jogo. Os senhores feudais tinham um acesso menor ao território da cidade, e ali as pessoas viviam do trabalho artesanal, quase não havendo servos. Aqui há uma diferença entre a cidade renascentista e a cidade grega, e com isto uma renovação de um projeto de democracia. Uma nova esfera pública. Esta esfera pública estava constituída por esta nova forma de autogoverno do município correspondente e as cidades se converteram em um novo espaço, o urbano. O grande salto foi a Revolução Francesa, quando declara direitos iguais a todos os cidadãos. Já não somos mais servos de um monarca e temos direitos. A primeira proclamação dos direitos humanos é a francesa, claro que a segunda se encontra na carta inglesa de proclamação dos direitos, mas a francesa é a que marca a valorização dos direitos humanos. Manter este caminho é importante,

pois há um progresso na história, mas com a condição de que contextualizemos que tipo de feudalismo está se impondo hoje em dia e que tipo de servidão está acontecendo e que necessitaria a gestação desta nova cidadania. É preciso romper com esta servidão que o capitalismo tenta impor e que busca apenas maximizar os benefícios – e que acaba por converter a pessoa em um instrumento e objeto. Um projeto em que todo o olhar está focado unicamente no intercâmbio econômico. Este processo representa uma nova feudalização da sociedade. Há grandes poderes, conglomerados econômicos que estão se constituindo, como novos senhores feudais, a nível mundial. Entregamos o nosso dinheiro e o nosso trabalho, mas não os controlamos. E isso acontece porque há uma grande esfera oculta de poder que foi revelado, por exemplo, no caso do WikiLeaks, de Edward Snowden. É um exemplo que aponta e reforça essa nova modalidade de feudalização. Temos que lutar para uma nova cidadania: aberta, democrática, mais participativa e que não tenha mais os limites da cidade renascentista, mas plasme uma inspiração global. Ela tem de acontecer sustentada na base do rompimento da servidão a esses poderes feudais que se instalam ou permanecem instalados. Tudo isto tem de passar por uma esfera pública aberta e com direito à informação. Daí a bandeira do direito à informação e à educação, numa busca de uma pluralidade cultural. É nesse ponto que a alfabetização mediática tem uma grande contribuição a dar. **P**